



SEÇÃO: ARTIGO

## O desterro de *ser*: exílio, resistência e decolonialidades na narrativa brasileira contemporânea<sup>1</sup>

*The banishment of being: exile, resistance and decoloniality in contemporary brazilian narrative*

Ilse M. R. Vivian<sup>2</sup>

[orcid.org/0000-0002-3788-1572](https://orcid.org/0000-0002-3788-1572)

[ilsevivian@hotmail.com](mailto:ilsevivian@hotmail.com)

**Recebido em:** 19 set. 2020.

**Aprovado em:** 12 ago. 2021.

**Publicado em:** 9 nov. 2021.

**Resumo:** A narrativa literária brasileira tem apresentado, especialmente nas últimas três décadas, discursos que dialogam com noções do amplo movimento de epistemologias decoloniais da América Latina, principalmente no que tange à (re/des)construção de estéticas orientadas pela hegemonia cultural europeia e à subversão da noção de experiência concebida pela modernidade (GÓMEZ; MIGNOLO, 2012). Esses pressupostos guiam o presente estudo, que se dedica à leitura dos romances *Becos da memória* (2006), de Conceição Evaristo, e *Com armas sonolentas* (2018), de Carola Saavedra. Da perspectiva das protagonistas, mulheres que se enunciam a partir das subjetividades fronteiriças e se compõem pela vivência e saberes locais, emanam dessas narrativas vozes que, impregnadas pela experiência da violência da exclusão e do exílio, esse entendido conforme as ressignificações de Said (2003), reinventam as próprias identidades com base na noção de coletividade, confrontando, por essa via, as estruturas hegemônicas e centralizadoras das políticas globalizantes. Além de constituírem severas críticas às retóricas excludentes da modernidade, quando problematizam a relação eu/outro e o lugar de fala reservado ao homem e branco, esses romances evocam as origens e a ancestralidade, questionando a cadeia de processos que estabelece os lugares de poder cultural e suas forjadas hierarquias.

**Palavras-chave:** Violência. Exílio. Decolonialidade. Conceição Evaristo. Carola Saavedra.

**Abstract:** The Brazilian literary narrative has presented, especially in the last three decades, discourses that dialogue with notions of the wide movement of Latin American decolonial epistemologies, mainly in regard to the (re/de) construction of aesthetics oriented by the European cultural hegemony and the subversion of the notion of experience conceived by Modernity. These assumptions guide the present study, which is dedicated to the reading of the novels *Becos da Memória* (2006), by Conceição Evaristo, and *Com armas sonolentas* (2018), by Carola Saavedra. From the perspective of the protagonists, women who enunciate themselves from the borderline subjectivities and are composed by the experience and local knowledge, emanate from these narratives voices that, impregnated by the experience of violence and exile, thus understood according to the resignifications of Said (2003), reinvent their own identities based on the notion of collectivity, thus confronting the hegemonic and centralizing structures of globalizing policies. In addition to being severe criticisms of the exclusionary rhetoric of Modernity, when they problematize the I/other relationship and the place of speech reserved for the white man, these novels evoke the origins and ancestry, questioning the chain of processes that establishes the places of cultural power and their forged hierarchies.

**Keywords:** Violence. Exile. Decoloniality. Conceição Evaristo. Carola Saavedra.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, sob supervisão da Prof. Dr. Rosani Umbach (UFSM). This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

## Introdução

A palavra exílio imediatamente remete à pluralidade de sentidos consagrados pela tradição grega e pela doutrina cristã. Desde seu sentido de expulsão territorial interpretado como punição, como na narrativa de Adão e Eva ou no mito de Teseu, até a acepção romântica de marginalidade, que se vê com os poetas malditos, cujo isolamento tinha como horizonte a solidão necessária para o despertar da inspiração, sufocada pelo racionalismo da sociedade iluminista, várias e distintas significações têm sido atribuídas ao termo ao longo da história, seja com fins morais, políticos ou religiosos.

É verdade que o signo do exílio sempre estampou, nas suas múltiplas conotações culturais e políticas, alguma das faces cruéis da natureza humana. Mas, a partir do século XX, com os estágios de violência produzidos pelo regime capitalista, endossados pelas forças do Estado, o termo adquire novos significados, os quais não podem ser objeto de reflexão senão a partir das alteridades formadas pelo enorme número de desterrados, aprisionados e marginalizados. De acordo com Edward Said (2003, p. 47) "a diferença entre os exilados de outrora e os de nosso tempo é de escala: nossa época, com a guerra moderna, o imperialismo e as ambições quase teológicas dos governantes totalitários, é, com efeito, a era do refugiado, da pessoa deslocada". Com base nesse sentido, o exílio deve ser entendido como um dos frutos da violência estabelecida pelas políticas da Modernidade.

Entenda-se, aqui, por Modernidade, o projeto político e epistêmico desenvolvido a partir da Europa que, por meio de suas narrativas, despreza, exclui ou condena o que lhe é estranho, subalternizando saberes e experiências que escapam à lógica eurocêntrica. Conforme Walter Mignolo (2017, p. 13), a colonialidade é um dos modos de supressão do outro, cujo processo consiste em um "complexo de relações que se esconde detrás da retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade)". As narrativas da modernidade, portanto, servem como justificativa para a violência exercida sobre povos e culturas

que se situam fora do grande eixo de poder, esse formulado pelos países imperialistas.

Dentre as formas sutis de coerção e de violência que sustentam as relações de dominação e exploração, talvez seja a condição do exilado que se situa em sua própria terra a mais dolorosa. Convém também considerar, como aponta Mignolo (2008, p. 289), que, de acordo com os padrões da modernidade, "ser branco, heterossexual e do sexo masculino são as principais características de uma política de identidade que denota identidades tanto similares quanto opostas como essencialistas e fundamentalistas".

E, se o exílio, para Edward Said (2003, p. 46), "é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar", como se constitui a experiência do exílio e a formulação de identidades de quem cotidianamente sofre o desterro de habitar a própria terra? A partir dessa indagação, à luz das epistemologias decoloniais, por meio dos signos da violência e da exclusão, objetiva-se observar as principais estratégias narrativas que configuram as identidades, seus limites e suas potencialidades e aproximam as narrativas *Becos da memória* (2006), de Conceição Evaristo, e *Com armas sonolentas* (2018).

## 1 Narrativa e decolonialidade

A aproximação das epistemologias decoloniais à produção literária latino-americana tem sido, ainda que de forma bastante tímida, um pertinente estatuto para a densa elaboração das contradições do passado e de suas formas de persistência na atualidade. Tendo em vista a longa história de proclamação do ideal europeu no Brasil, teórico-crítico e artístico, que gerou as tensões existentes entre o modernismo das vanguardas artísticas e a precária modernização socioeconômica, pode-se observar na produção literária das duas últimas décadas um amplo movimento de problematização do passado e suas violências, configurando-se como forma de enfrentamento e resposta às contradições sociais, políticas e culturais decorrentes dos modelos da Modernidade.

Além de severa crítica à retórica das narrativas que celebram a história como única e verdadeira,

trazendo, portanto, ao centro do debate as formas e os atores da construção do discurso, os estudos decoloniais contribuem com os estudos literários quando problematizam a relação eu/outro e seus modos de produção, processo que estabelece os lugares de poder e suas hierarquias:

América se constituyó como el primer espacio/tiempo de un nuevo patrón de poder de vocación mundial y, de ese modo y por eso, como la primera identidad de la modernidad. Dos procesos históricos convergieron y se asociaron en la producción de dicho espacio/tiempo y se establecieron como los dos ejes fundamentales del nuevo patrón de poder. De una parte, la codificación de las diferencias entre conquistadores y conquistados en la idea de raza, es decir, una supuesta diferente estructura biológica que ubicaba a los unos en situación natural de inferioridad respecto de los otros. Esa idea fue asumida por los conquistadores como el principal elemento constitutivo, fundante, de las relaciones de dominación que la conquista imponía. Sobre esa base, en consecuencia, fue clasificada la población de América, y del mundo después, en dicho nuevo patrón de poder. De otra parte, la articulación de todas las formas históricas de control del trabajo, de sus recursos y de sus productos, en torno del capital y del mercado mundial (QUIJANO, 2000, p. 246).

A partir da observação dessa escala de matrizes que sustenta a colonialidade do poder e do saber, Anibal Quijano (2005) compreende os processos de decolonialidade como as produções culturais dos sobreviventes do massacre promovido por forças dominantes, os quais foram submetidos a uma repressão material e subjetiva. Essa submissão se manifesta, em muitos casos, pelo esquecimento do passado colonial e pela ignorância dos efeitos de sua projeção no presente. A decolonialidade, então, pode ser entendida como uma proposta de alteridade que surge a partir das relações de poder que tendem a subalternizar o saber e vida social de determinados grupos:

A decolonialidade não consiste em um novo universal que se apresenta como o verdadeiro, superando todos os previamente existentes; trata-se antes de outra opção. Apresentando-se como uma opção, o decolonial abre um novo modo de pensar que se desvincula das cronologias construídas pelas novas epistemes ou paradigmas (moderno, pós-moderno, altermoderno, ciência newtoniana, teoria quântica, teoria da relatividade etc.). Não é que as

epistemes e os paradigmas estejam alheios ao pensamento decolonial. Não poderiam sê-lo; mas deixaram de ser a referência da legitimidade epistêmica (MIGNOLO, 2017, p. 15).

Nesse sentido, as identidades locais confrontam-se com o desenvolvimento do capitalismo global e suas formas de determinação do ser a partir das exterioridades. Ao tratar sobre o movimento decolonial e seu confronto com a lógica da Modernidade, a socióloga Adélia Miglievich-Ribeiro chama a atenção para os resultados obtidos pelas operações de fabricação e reprodução da lógica moderna:

A invenção do binômio modernidade/tradição, que deu ao primeiro termo primazia e superioridade sobre o segundo, identificado como, em muito, responsável, pelo silenciamento de pessoas, povos, culturas, por isso, também, empobrecedor do conhecimento revelava a lógica dual da racionalidade moderna, redutora da complexidade da modernidade (não são os modernos apenas modernos nem são os tradicionais somente tradicionais). Fato é que, historicamente, as classificações estigmatizantes produziram uma modernidade totalitária que resultou nos genocídios e epistemicídios, em mortificações e tragédias que compõem a história dos homens e das mulheres, não como um efeito perverso dos ideais iluministas, mas como sua face sombria e indelével: a recusa do estatuto humano àqueles que não alcançavam seus rígidos e abstratos padrões, os não-iguais (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2017, p. 7).

As trágicas experiências do século XX reivindicam olhares atentos, visto que, sendo impossível minimizar ou comparar o sofrimento humano, as barbáries vividas por judeus, negros, ciganos, índios, homossexuais, colonizados e imigrantes continuam a existir sob diversas formas e em todas as partes do mundo. O ódio racial e as vontades de extermínio são externalizados pela sociedade contemporânea por meio de massacres locais, físicos e simbólicos, identitários e culturais, violência que é legitimada pelos braços do Estado. Ao tratar das vicissitudes da história europeia com a emergência dos totalitarismos, Edgar Morin, insistindo na ideia de que "é preciso evitar se fechar num pensamento binário" (MORIN, 2009, p. 103), atenta para o perigo de hierarquização dos sentidos produzidos pela violência:

Através das lembranças das vítimas do nazismo, mas também através das lembranças da escravidão das populações africanas deportadas e das da opressão colonial, o que vem à tona à nossa consciência é a barbárie de uma Europa Ocidental, que se manifestou pela escravidão e pela sujeição dos povos colonizados. [...] Se insistirmos demais em Auschwitz apenas, correremos o risco de minimizar insidiosamente o gulag e de nos calarmos diante das outras barbáries (MORIN, 2009, p. 103, grifo do autor).

No Brasil, uma das estratégias de prolongamento e de reafirmação das políticas de manutenção da subalternidade é realizada incisivamente pela mídia televisiva, sobretudo por meio dos inúmeros telejornais em TV aberta que compõem a programação de um dia. Logo após as notícias que retratam a violência generalizada, focalizando, de preferência, quadros bárbaros de assassinatos, anuncia-se o sucesso da bolsa de valores ou os avanços da economia. Não por acaso, o noticiário, justapondo e separando em blocos tais notícias, traça, simbolicamente, a linha que divide uma mesma realidade, realizando o apagamento de suas contradições e garantindo sua continuidade. Ainda, por essa via, apagam-se as causas e os responsáveis por promover a miséria, o racismo, a exclusão e os feminicídios que assolam de maneira profunda e ininterrupta a vida das comunidades.

Nesse sentido, Slavoj Žižek (2014, p. 24), quando trata das relações entre a violência objetiva e a violência ideológica, bem observa que "opor-se a todas as formas de violência [...] parece ser a maior preocupação da atitude liberal tolerante que predomina atualmente." De acordo com o autor, a estratégia de quem comanda o movimento especulativo do capital para ocultação do motivo real da violência é justamente a exposição sistêmica à violência, cuja objetivação discursiva termina por subjetivar os atores desse processo:

Não haveria algo de suspeito, até mesmo sintomático, nesse foco sobre a violência subjetiva, a violência dos agentes sociais, indivíduos maléficos, aparelhos repressivos disciplinados, das multidões fanáticas? Não haveria aqui uma tentativa desesperada de desviar as atenções do verdadeiro lugar do problema, uma tentativa que, ao obliterar a percepção de outras formas de violência, se torne assim parte ativa delas? (ŽIŽEK, 2014, p. 24).

Expor e combater a violência torna-se, assim, um instrumento de desvio da atenção sobre as causas históricas da violência, cujas raízes encontram-se nas estruturas do sistema patriarcal, que se fortalece sustentado pelo racismo e pelas desigualdades de gênero. Mas se alguns setores da sociedade trabalham para forjar o esquecimento pela espetacularização da violência, outros mobilizam, pela lembrança, a reflexão sobre suas profundas raízes. O surgimento de uma avalanche de narrativas testemunhais significou, quando não um fenômeno de reivindicação de espaço para outras falas, com o transbordamento de vozes fartas de serem silenciadas, as possíveis respostas aos lugares-comuns fabricados como emblemas da modernidade, com suas operações de apagamento e/ou reafirmação de modelos.

Se, como constata Walter Benjamin (1994, p. 225), o discurso histórico sempre esteve sob o controle dos dominadores, produzindo bens culturais padronizados que manifestam o triunfo do horror e da barbárie, o discurso poético, a contrapelo, tem reunido vozes que, enunciando de espaços fronteiriços, amplificam o discurso de resistência, sobretudo pela manifestação das heterogêneas subjetividades que se reúnem pela experiência comum da violência, desterro e exclusão. A figuração das identidades na literatura brasileira contemporânea das últimas décadas, quando problematiza o passado, desvelando suas estruturas e monumentos, instaura um reordenamento ideológico que desestabiliza as matrizes engendradas desde as antigas significações da colonialidade, durante muito tempo gravadas nos imaginários locais.

## **2 O desterro de ser: Becos da memória e Com armas sonolentas**

Apesar da normatização cultural que rege o contexto editorial brasileiro em pleno século XXI, ainda centralizado geograficamente, hegemonicamente masculino e de escritores brancos, várias escritoras, não sem muitos esforços, têm despontado no cenário literário com temáticas que problematizam o passado e suas formas de prolongamento no presente. Dentre outras, Conceição Evaristo e Carola Saavedra têm sido vozes

que movimentam e põem em causa não só o contexto político e social brasileiro, mas também as determinações do espaço literário, que tem sido reservado ao homem, ao branco, ao heterossexual.

A literatura brasileira tem espelhado as estruturas de uma sociedade que, conforme padrões binários, exclui e condena ao silenciamento a heterogeneidade que lhe é constituinte. É o que se vê em pesquisa realizada por Regina Dalcastagnè (2011) sobre a personagem do romance brasileiro contemporâneo:

Se negros e pobres apareciam pouco como personagens, como produtores literários eles são quase inexistentes. A partir dessas ausências, foram-se constatando outras, entre as personagens mesmo – das crianças, dos velhos, dos homossexuais, dos deficientes físicos e até das mulheres. Se eles estão pouco presentes no romance atual, são ainda mais reduzidas as suas chances de terem voz ali dentro. Os lugares de fala no interior da narrativa também são monopolizados pelos homens brancos, sem deficiências, adultos, heterossexuais, urbanos, de classe média (DALCASTAGNÈ, 2011, p. 15).

Em tempos de globalização e de fim das utopias, com o aumento da intolerância às diversidades sociais, de gêneros, de raça, de religião, em que se acirram, de forma mais explícita nas últimas décadas, as disputas em todos os níveis e setores da sociedade, cabe destacar e reafirmar a importância do lugar assumido por Conceição Evaristo na história da literatura brasileira. A autora publica, inicialmente, seis poemas no volume 13 da série *Cadernos negros*. Esse periódico, iniciado em 1978, veiculou a cultura e a escrita afro-brasileira e das periferias e serviu de base, inclusive, para a instituição da lei 10.639/11645, que afirma a inclusão da temática "História e Cultura Afro-brasileira e Africana" nos currículos das Redes de Ensino no Brasil.

Apesar de ter sido escrito nos anos de 1987 e 1988, *Becos da memória* só vem a público vinte anos depois. O intervalo de tempo entre a escrita e a publicação dispensa maiores explicações acerca das dificuldades enfrentadas pela escritora e sobre como se produz a invisibilidade do negro em nossa sociedade. Além disso, como bem observa Simone Schmidt,

[...] o romance inicia deixando claro quem são os sujeitos que pretende representar [...] especialmente num país como o Brasil, onde a questão da representação se mostra ainda tão problemática. Dar corpo à memória dos moradores da favela, caminhando em sentido contrário ao dos estereótipos que se colam à pele dos subalternos em nossa sociedade, é, portanto, uma estratégia de grande impacto político e cultural" (SCHMIDT, 2017, p. 185).

A obra de Conceição Evaristo inaugura um espaço de fala cuja estética demanda mais que a leitura crítica, mas posicionamentos históricos e políticos dos leitores, pressupondo o desalojamento dos lugares instituídos por determinadas narrativas nacionais e, de maneira mais particular e direta à postura do leitor, o questionamento se o lugar ocupado por esse lhe é de fato próprio. Bem diferente das representações do negro na literatura brasileira de épocas anteriores, figuras que Conceição Evaristo considera carregadas "de lamentos, mágoa e impotência" (EVARISTO, 2010, p. 139), e que, não raras vezes, aparecem reunindo esforços para se igualarem ao branco, as personagens de *Becos da memória*, ao remontar, cada uma, a sua narrativa pessoal, interrogam as raízes das arquiteturas sociais e suas formas de violência e exclusão.

O leitor é chamado a vivenciar a experiência de ser negro e a observar as determinações de um mundo que é produzido para e pelos brancos. Ao mesmo tempo em que reivindica direitos e denuncia desigualdades, desbravando, assim, também caminhos para outras escritoras, Conceição Evaristo afirma a legitimidade do discurso do movimento de negritude na literatura brasileira:

A literatura negra brasileira não está desvencilhada das pontuações ideológicas do Movimento Negro. E embora durante quase todo o processo de formação da literatura brasileira existissem vozes negras desejosas em falar por si e de si, a expressividade negra vai ganhar uma nova consciência política sob inspiração do Movimento Negro, que volta para a reafirmação, na década de 70. O Movimento de Negritude, no Brasil, tardiamente chegado, vem misturado aos discursos de Lumunba, Black Panther, Luther King, Malcon X, Angela Davis e das Guerras de Independência das colônias portuguesas. Esse discurso é orientado por uma postura ideológica que levará a uma produção literária marcada por uma fala enfática, denunciadora da condição do negro no Brasil, mas igualmente valorativa, afirmativa do mundo e das coisas negras,

fugindo do discurso produzido nas décadas anteriores carregado de lamentos, mágoa e impotência (EVARISTO, 2010, p. 139).

Carola Saavedra, por sua vez, sob as múltiplas perspectivas de quatro mulheres, põe em evidência, em *Com armas sonolentas*, o enfrentamento do desejo e do preço de ser mulher numa sociedade racista, classista e patriarcal. Apesar do período de tempo que separa a publicação das duas obras, é possível aproximá-las a partir de elementos que compõem a configuração narrativa e os modos de abordagem de temas comuns aos dois romances, cujas elaborações têm por base as experiências da violência, das diásporas, com suas impositivas formas de exílio, e da necessária resistência no trajeto de constituição das identidades.

Do ponto de vista da macroestrutura, as duas obras alinham-se pelo seu caráter memorialístico, com um modelo que, no que tange ao fio condutor da fábula, aproxima-se do romance de formação. Desse diferem-se, entretanto, quando à voz que reconstitui o trajeto de uma vida são interpostas muitas outras vozes, as quais, subvertendo a unicidade e a perspectiva que poderiam ocasionar um discurso totalizante, e, assim, a causalidade e a linearidade narrativa, dispersam-se em distintas temporalidades, realidades que são conectadas pela reiteração dos signos da violência e do exílio, comuns às experiências narradas.

Em *Becos da memória*, a partir do olhar de Maria-Nova, o leitor toma conhecimento das histórias de vida dos moradores da favela às vésperas de serem expulsos por uma construtora que almeja o terreno. Por meio das experiências manifestas em cada relato de vida, enquanto se desenrola o trágico movimento que objetiva descartar as pessoas daquele lugar, compõe-se um quadro do cotidiano da favela e, sobretudo, da história de perdas, de angústias, dos sonhos, dos desejos de uma comunidade. O mosaico de relatos termina por apontar, desfazendo qualquer hierarquia de voz narrativa, a favela como protagonista, lugar de destino para as várias gerações de negros que, em permanente errância, são marcados pela exclusão e abandono:

Tio Totó não se conformava com o acontecido. Deus do céu, seria aquilo vida? Por que a gente não podia nascer, crescer, multiplicar-se e morrer numa mesma terra, num mesmo lugar? Se a gente sai por aí por este mundo de déu em déu e não volta, o que vale o respeito, a fé toda quando se está distante, no que para trás ficou? Para que a crença na volta ao lugar onde se enterra o umbigo? [...] Não, eu já rodei, já vaguei por esse mundo velho... Já comi e bebi na poeira das estradas. Tenho marcas de muita carga no lombo. Na roça, às vezes meu pai contava histórias e dizia sempre de uma dor estranha, que nos dias de muito sol, apertava o peito dele. Uma dor que era eterna como Deus e como o sofrimento (EVARISTO, 2017, p. 18, 19).

Em diferentes tempos e circunstâncias, remontando-se a história do Brasil desde as senzalas às precárias condições dos barracos da favela, as narrativas de cada personagem assemelham-se e sobrepõem-se, reconstituindo à curiosa menina Maria-Nova os cenários e as sensações de uma longa e repetida história de segregação e desamparo:

[...] pois sabido é que Bondade vivia intensamente cada história que narrava, e Maria-Nova, cada história que escutava. [...] Na ferida que ela herdou da mãe Joana, de Maria-Velha, de Tio Totó, do louco Luisão da Serra, da avó mansa, que tinha todo o lado direito do corpo esquecido, do bisavô que tinha visto os sinhôs venderem Ayaba, a rainha. [...] Entretanto o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma" (EVARISTO, 2017, p. 63).

À maneira do antigo contador de histórias, intensifica-se o valor do relato testemunhal e "à medida que Maria-Nova crescia, ela ia intuindo, ia lendo as histórias nos olhos [...]. Ela precisava ouvir o outro para entender." (EVARISTO, 2017, p. 53). Embora uma personagem conte a história de outra, é pela voz direta de quem as viveu que as experiências chegam à atenta jovem ouvinte, como se observa pela fala que intercala a voz do narrador na história de Negro-Alírio, onde se entrevê as imagens de um país manobrado por coronéis e capangas:

Lembra, pai, como era tudo antes? Cada qual miseravelmente no seu canto de terra, cada qual retendo a sua sabedoria, cada qual sedimentando a sua ignorância, a sua pobreza, cada qual mais fraco e temendo o coronel Jovelino. E o coronel Jovelino falando grosso, seus capangas imitando a voz do patrão e mandando na gente como se donos fossem. Sabíamos que alguma coisa estava errada, que era preciso mudar. Ou a gente ou eles (EVARISTO, 2017, p. 55).

A figuração do espaço na narrativa redimensiona-se e amplia os significados da favela pelos desdobramentos das memórias que projetam o constante deslocar-se de um lugar a outro. O não pertencimento experimentado no passado, pelas inúmeras expulsões da terra, pela errância que compõe as histórias de Maria-Velha, Tio Totó, Luisão da Serra, Negro-Alírio, Mãe Joana, e o não pertencimento engendrado no presente, agora vivido pela jovem Maria-Nova às vésperas da demolição da favela, figuram a diáspora de uma comunidade: "cada qual tomava a vida do outro, que não era tão do outro, e sim também sua" (EVARISTO, 2017, p. 92).

De forma semelhante, em *Com armas sonolentas*, as vozes são distribuídas de modo que, pela conexão e complementaridade entre as figuras das quatro mulheres, Anna, Maike, a Avó e a personagem sem nome (nordestina que migra para o Rio de Janeiro para trabalhar como doméstica), enuncia-se um discurso que traduz as experiências de deslocamento e exclusão. A narrativa é motivada pela necessidade dessas mulheres abandonarem a terra de origem: Anna, com o sonho de ser atriz famosa, casa-se com um diretor de cinema e parte do Brasil para a Alemanha; Maike descobre que fora adotada por um casal alemão, e, em busca das suas origens, parte da Alemanha para o Brasil; a personagem sem nome, devido à impossibilidade de ser sustentada pela família nordestina, ainda menina, é enviada ao Rio de Janeiro para trabalhar numa casa de família de classe média. As referências identitárias dessas mulheres vão ser encontradas nos fragmentos da figura da Avó, uma indígena brasileira, que, na forma de fantasma, ao longo da narrativa dialoga com a filha doméstica, nordestina, lendo para essa trechos dos escritos de Sor Juana Inés de la Cruz, poetisa barroca, ícone latino-americano da luta das mulheres pelos direitos à liberdade e ao conhecimento.

Os signos do exílio e da violência, em *Com armas sonolentas*, entrecruzam-se pelo intercalar das narrativas, remontando a experiência de quatro gerações. As temporalidades e os espaços distintos conectam-se, assim, a partir da vivência

das diásporas que lhes são comuns: Maike, na Alemanha, questiona a própria identidade sexual, social e cultural, expressando a pressão que lhe é preestabelecida pelos pais e seus padrões sociais: "ia estudar direito e assumir o escritório dos meus pais sem nem sequer pensar sobre o que isso significava, [...] passava as noites assistindo filmes de terror em busca de algo que me partisse ao meio e me libertasse desse envoltório"; Anna, "morando num país estrangeiro, sem amigos, sem família, sem falar a língua" (SAAVEDRA, 2018, p. 56), vive a crise profissional e do casamento, que culmina com uma gravidez indesejada e a violenta pressão social que lhe retira o direito de questionar o papel da maternidade: "Heiner se enfureceu, pela primeira vez perdeu o ar blasé que o acompanhava, parecia outra pessoa, você não vai dar o meu filho, afinal, que tipo de pessoa é você? Que tipo de pessoa ela era?" (SAAVEDRA, 2018, p. 55); e a personagem Avó, de origem indígena, tivera que abandonar sua terra, "a avó que não sabia a própria idade e tinha nascido no meio do mato, lá na terra dela, terra de índios, e que, se tivesse continuado no meio do mato, entenderia melhor as coisas que agora lhe chegavam confusas" (SAAVEDRA, 2018, p. 133).

As histórias pessoais de cada figura, devido à fragmentação da narrativa que apresenta cada história de vida em duas partes, "o lado de dentro" e o "lado de fora", embora vividas em épocas distintas, chegam ao leitor justapostas e duplicadas. É dessa forma que se experimenta as diversas faces da solidão da condição do exílio, o abandono, as violências sociais contra a mulher e suas projeções na constituição das identidades. Via memória, o romance abre com a narrativa de Anna e sua percepção sobre o seu passado, indiciando os desencontros e o desterro que compõem sua história:

Sempre lhe pareceu que havia uma dissonância entre o que desejava e o que realmente queria. Como se todo desejo viesse encoberto por uma espessa camada de autoengano, um inevitável mal-entendido. E satisfazer suas vontades ou vê-las satisfeitas nada mais era do que o prenúncio de uma queda, cada vez mais célere, cada vez mais íngreme (SAAVEDRA, 2018, p. 13).

O sentimento de não pertencimento e a condição de deslocada são também os motivos que conduzem Maike à descoberta de que não é filha legítima do casal de alemães: "havia algo em mim, eu sempre tivera essa impressão, desde pequena, que destoava daquele mundo" (SAAVEDRA, 2018, p. 73). O distanciamento das convenções sociais impostas pela mãe, com seu "aquele controle insuportável" (SAAVEDRA, 2018, p. 72) e a redescoberta do próprio corpo levam a personagem a questionar e buscar a própria identidade:

[...] o que eu diria a Lupe e suas pulseiras e colares, o que eu diria aos meus pais em seu elegante escritório de advogados, minha mãe com seu *tailleur* e seus sapatos de salto alto, o que eu diria a mim mesma e a tudo o que eu era ou pensava que era, e ao meu corpo que agora se adaptara ao ritmo da caminhada e eu quase já não o sentia, as pernas se movimentando em ritmo próprio, [...] o meu corpo era um organismo independente de mim e uma força nas pernas que eu jamais sentira, continua e independente, meu espírito repousa em algum outro lugar, alheio a tudo aquilo [...] (SAAVEDRA, 2018, p. 126-127).

Além da divisão da narrativa em duas partes, no seu interior há capítulos intitulados pelos nomes de cada uma das personagens. Essa estrutura, à primeira vista fragmentos independentes, possibilita que o leitor realize os deslizamentos necessários à compreensão da complexa natureza de cada figura. A intercambialidade proposta nessa estrutura reforça os prolongamentos de sentidos "de dentro" ao "de fora" e vice-versa, eliminando possíveis fronteiras de determinação do *ser* pelas relações entre interior e exterior. As vozes podem ser lidas, ao mesmo tempo, como singulares e coletivas. A imagem ao final da narrativa, do encontro entre Anna, Maike e a Avó à porta do teatro, quando, ainda que sem consciência de seus parentescos, as personagens identificam-se, enfatiza os desdobramentos de uma figura sobre a outra e a sobreposição de seus significados:

[...] mas as portas já estavam fechadas, podemos sentar naquelas escadas ali em frente, a avó apontou para as escadas muito brancas e elegantes em frente ao teatro, ali sentada uma mulher jovem, cabelos negros e curtos, parecia estar esperando alguém, por um instante seus olhares se cruzaram, e ela sentiu uma alegria que não sabia definir, havia algo de tão familiar

naquele rosto, sentiu vontade de se sentar ao seu lado, conversar com ela, como se a conhecesse desde sempre [...] (SAAVEDRA, 2018, p. 266).

Embora sejam Mãe, filha, Avó e Bisavó, no trajeto de vida de desencontros e partidas, dada a fragmentação do fio narrativo e a separação de cada narrativa em capítulos separados, os laços entre elas são realçados pelas condições da diáspora que vivem. À medida que cada uma das personagens rejeita ou procura escapar às normas familiares e sociais que lhes são impostas, como a obrigação de querer e ser mãe, como é o caso vivido por Anna, ou ao abuso sexual, como sofre a empregada doméstica nordestina, mais solitárias e desterradas se encontram. Com a mesma intensidade que vão sendo explicitados os mecanismos por meio dos quais a sociedade manipula para o cumprimento de determinados papéis, revela-se "o lado de dentro" e o esvaziamento de Anna: "Depois daquele episódio, algo mudou. Nada perceptível por alguém do lado de fora, mas também não havia ninguém do lado de fora, nem família, nem amigos, nem mesmo Heiner" (SAAVEDRA, 2018, p. 45)

O ápice da noção de esvaziamento e não pertencimento do *ser* que atravessa a narrativa é formulado pela figura da empregada doméstica que migra para a casa de família para trabalhar. Essa, "quase invisível" (SAAVEDRA, 2018, p. 145) aos patrões, gradativamente aliena-se da realidade, sobretudo a partir dos abusos sexuais de Renan, e as humilhações da patroa que sai em defesa do filho. Dos abusos, resulta a filha, que, gradativamente, o leitor reconhece como a personagem Anna. O fim trágico ocorre na clínica onde é internada, onde "o guarda apenas confirmava algo que ela já intuía, que ela não pertencia àquele lugar, como não pertencera à casa de Dona Clotilde, como não pertencera à sala de cinema, como não pertencia à própria filha, como não pertencia a lugar nenhum" (SAAVEDRA, 2018, p. 261).

Em *Becos da memória*, são os testemunhos que compõem a personagem Maria-Nova, que se desenvolve em meio à iminência da expulsão dos moradores. Gradativamente, a cada relato de vida, acentuam-se as repetidas expulsões da terra onde se

vive. Sob diversas óticas, a memória vai sendo composta pelos sentimentos de abandono e incertezas:

Ela entendeu, era mais uma despedida. Por um minuto foi como se tudo se desintegrasse dentro dela. Um buraco vazio, maior do que aquele que ela contemplava naquele momento, estava dentro de si. Olhou novamente o amigo. E por entre lágrimas, num quase desespero, ela viu Bondade com seu andar manso e macio partir (EVARISTO, 2017, p. 178).

A complementaridade de vozes e a projeção de uma figura sobre a outra são tecidos pela memória da personagem, que media tanto o passado e o presente, quanto a dividida realidade que lhe é apresentada cotidianamente no interior da favela e entre a favela e a cidade: "a torneira de cima" e a "torneira de baixo" (EVARISTO, 2017, p. 16); a "igreja do bairro rico, ao lado da favela", que era de "uns padres estrangeiros" (EVARISTO, 2017, p. 32), o campo de futebol que fica entre a favela e a cidade; os selos que ganhava "das patroas de sua mãe e de sua tia" (EVARISTO, 2017, p. 32). O movimento que o leitor percorre na narrativa de *Com armas sonolentas*, entre o "dentro e o fora", pode ser identificado com o trajeto de Maria-nova ao desvendar a esfacelada realidade de inúmeros becos e ruelas: "Maria-Nova crescia. [...] Às vezes, vinha uma aflição, ela chorava, angustiava-se tanto! Queria saber o que era a vida. Queria saber o que havia atrás, dentro e fora de cada barraco, de cada pessoa. Fechava o livro e saía" (EVARISTO, 2017, p. 32).

A partir da estrutura fragmentada de *Becos da memória*, arquetizada como recolha de histórias e construída pelo entrecruzamento de saberes e experiências, projetam-se e reatualizam-se as heranças culturais, tanto a riqueza de conhecimento e práticas culturais quanto as feridas abertas pelas políticas das desigualdades. O conflito entre os moradores da favela e os donos da construtora, nesse sentido, desvelam, muito além de episódios pontuais e/ou subjetivos, as raízes e as formas do epistemicídio. Como bem pontua Boaventura de Sousa Santos,

[...] o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, margi-

nalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam constituir uma ameaça à expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, à expansão comunista (neste domínio tão moderna quanto a capitalista); e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais) (SANTOS, 1999, p. 283).

Se, por um lado, com a figuração da opressão e da exclusão de negros e mulheres, dados por certo sistema como objetos de descarte, *Becos da memória* e *Com armas sonolentas* revelam os processos do esvaziamento da noção de abrigo ou a impossibilidade do lar, por outro, as personagens dessas narrativas carregam no corpo e na lembrança as marcas que afirmam a resistência física e emocional, individual e coletiva, social e cultural. Em *Becos da memória*, as vivências de Vó Rita, Maria-Velha, do Avô de Maria-Velha, de Bondade, de Negro-Alírio, ao mesmo tempo que explicitam os processos da violenta desterritorialização sofridos de uma geração a outra, ao serem narradas à Maria-Nova, reatualizam as matrizes culturais, fortalecendo os laços de solidariedade e os signos que formam a comunidade. Nas reflexões que põe em relação passado e presente, revela-se o desenvolvimento de uma profunda consciência política:

Na época era preciso recrutar mais e mais soldados e só por isso ele foi aceito para o serviço militar. Quando se alistou, não era alfabetizado ainda. [...] Mas todos eram bem-vindos naquele momento: negros, índios, cafuzos, sararás... Não se excluía ninguém. Naquelas circunstâncias a pátria era de todos. [...] Ele não era burro, sabia que estava numa situação emprestada. Sabia que estava sendo usado, sabia que não era o patrão. Sabia que era um miserável mesmo. Acabara de matar um homem, um irmão, a mando do Coronel, por uma questão de terra (EVARISTO, 2017, p. 56, 57).

Em *Com armas sonolentas*, no trajeto de vida e de (re)composição das identidades, a matriz indígena, representada na figura da Avó, aparece como o lugar, simultaneamente, de origem e de chegada. A busca por reconhecer-se leva Maíke, Anna, a personagem sem nome e a Avó a convergirem pelas raízes que têm em comum, matrizes que não se encerram no fato de serem mulheres ou no imaginário que partilham, de que são sím-

bolos a capivara e a paisagem do mato brasileiro ao longo da narrativa, mas que têm no passado o seu ícone maior de luta contra o machismo e as limitações do sistema patriarcal, a figura latino-americana de representatividade dos direitos à liberdade, à igualdade e ao conhecimento, Sor Juana Inés de la Cruz, que, em pleno século XVII, com seus escritos confrontou a epistemologia cristã e as normas sociais vigentes. Em socorro à filha (empregada doméstica, nordestina), que a cada dia se reduz mais ao silêncio e à "vontade de nunca ter existido" (SAAVEDRA, 2018, p. 158), com as frequentes investidas de poder da patroa e os abusos sexuais do patrãozinho, surge o fantasma da Avó para recitar versos de Juana Inés de la Cruz:

Você vai ver, disse a avó, e tirou, de dentro de uma enorme bolsa, um livro velho, as pontas dobradas, desses de banca de jornal, teremos que repensar a história desde o início, a avó abriu o livro na primeira página e, com uma solenidade que ela nunca vira, leu em voz alta: En esto sí confieso que ha sido inexplicable mi trabajo; y así no puedo decir lo que con envidia oigo a otros: que no les ha costado afán el saber. Dichosos ellos! A mí, no el saber (que aún no sé), sólo el desear saber me le ha costado tan grande que pudiera decir con mi Padre San Jerónimo (aunque no con su aprovechamiento [...]) Menos los compañeros y testigos (que aún de ese alivio he carecido), lo demás bien puedo asegurar con verdad. Y que haya sido tal esta mi negra inclinación, que todo lo haya vencido! (SAAVEDRA, 2018, p. 159, grifo da autora).

O protagonismo da narrativa surge, então, pelo coletivo de mulheres que se enuncia a partir das subjetividades fronteiriças e se compõem pela vivência e saberes locais. Essas vozes, impregnadas pela vivência da violência e do exílio, ganham corpo, na reinvenção das identidades pela consciência da própria condição a partir das experiências partilhadas. Essa forma de construção do "ser" confronta-se com a noção de sujeito e com as estruturas hegemônicas e centralizadoras das políticas tanto patriarcais quanto globalizantes. Essa formulação narrativa, além de constituir severa crítica à retórica excludente da modernidade, quando problematiza a relação eu/outro e o lugar de fala reservado ao homem branco, ao evocar as origens e a ancestralidade, questiona a cadeia de processos que estabelece os lugares de poder cultural e suas forjadas hierarquias.

A narrativa de cada uma dessas mulheres e as histórias dos moradores da favela, em *Becos da memória*, desvelam universos sociais distintos, que, entretanto, mantêm em comum as marcas e os meandros de um mesmo sistema, um sistema que violenta e oprime por meio da objetivação de existências e da produção de hierarquias que subalternizam práticas e saberes. Nesse sentido, essas narrativas, com personagens que narram a sua própria história, pondo em voga a construção da memória, e a arquitetura do relato testemunhal, figurando vozes que são ao mesmo tempo singulares e coletivas, podem ser observadas como discurso que, junto ao leitor, requer a construção de novos sentidos na formulação das alteridades.

Quando, nas duas obras, por meio de uma estrutura que interpela o romance de aprendizagem, que tem origem europeia e espelha as estruturas burguesas de formação, enuncia-se a heterogeneidade como constituinte das múltiplas vozes e culturas, sobretudo, a diversidade que constitui e identifica a cultura brasileira e suas formas de (re) existência, por meio de uma percepção não mais individualizante e linear, mas, de variados pontos de vista e lugares sociais, de um experiência que é partilhada, afirmam-se e, ao mesmo tempo, relativizam-se todas as dimensões de conhecimento da *práxis* humana. Dessa perspectiva, conforme afirmam Gómez e Mignolo, a representação do sentir, pensar e fazer "en vez de seguir siendo categorías para la clasificación y jerarquización de las personas, se entretejen como potencias para la configuración de, por así decirlo, zonas de abordaje de cuestiones complejas del mundo actual" (GÓMEZ; MIGNOLO, 2012, p. 13).

Além desses procedimentos narrativos, que levam à pluralização de perspectivas e a proposição de vários horizontes de leitura, a construção pelo viés da memória desempenha destacada função nessas narrativas. Tanto em *Becos da memória*, como em *Com armas sonolentas*, a memória aparece marcada pelo testemunho, mas não apenas como o relato do que fora vivido. Esse é um testemunho que se cumpre e só pode existir pela experiência plural da palavra, como *voz-práxis* que explicita um *continuum*, o qual, incapaz de encerrar-se na relação eu/ou-

tro, pela complementaridade de sentidos entre as personagens na formulação de suas figuras expressa a imagem do "ser" e o desejo humano, ao mesmo tempo, de pertença e de libertação. Tal como afirma Walter Benjamin, nesse sentido, a lembrança manifesta seu valor comunitário:

[...] a rememoração, musa do romance, surge ao lado da memória, musa da narrativa, depois que a degradação da poesia épica apagou a unidade de sua origem comum na reminiscência. A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Ela inclui as variedades da forma épica. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si (BENJAMIN, 1994, p. 211).

A narrativa do testemunho, como observa Benjamin (1994), põe em voga a força da palavra exercida pela memória. O engendramento da narrativa, por essa via, singulariza a experiência sem que se perca sua natureza plural. Por outro lado, as vozes enunciadas da perspectiva particular em *Becos da memória* e em *Com armas sonolentas* são organizadas e se combinam na forma horizontal e, ao descentralizar e alternar os lugares de fala, escapam às tendências subjetivadoras e hierarquizantes pressupostas na noção de sujeito do projeto político e epistêmico da modernidade.

### Considerações finais

No trajeto do reconhecimento, que se cumpre via memória e pelo constante deslocar-se geográfico, além de vozes-*práxis* que ganham potência por meio da variedade e alternância na arquitetura dos *locus* enunciativos, as personagens de *Becos da memória* e de *Com armas sonolentas*, quando figuram a condição do "ser" nas variadas situações de exclusão e exílio, situam-se na posição intermediária, cujo lugar, paradoxalmente, por ser um não lugar possibilita o exercício das alteridades, pois "a maioria das pessoas tem consciência de uma cultura, um cenário, um país; os exilados têm consciência de pelo menos dois de cada um desses aspectos e essa pluralidade de visão dá origem a uma consciência de dimensões simultâneas (SAID, 2003, p. 59).

A recusa às fundamentações essencialistas e naturalizadas pelos modelos engendrados pela modernidade, além de ser manifestada pelo questionamento da relação eu/outro, fazendo ecoar a voz coletiva, ganha corpo com a recorrência a elementos de origem ou matriz ancestral. Tanto em *Becos da memória* como em *Com armas sonolentas*, a narrativa que compõe cada personagem perpassa e ilumina o passado de violências, da escravidão, da exploração e do desterro, desvelando as estruturas e os mecanismos que trabalham para o apagamento político e cultural de determinadas comunidades. Do ponto de vista da vivência, ficam evidentes nos dois romances os sofrimentos, as perdas, as angústias, a exploração e o desterro de uma comunidade; do ponto de vista da experiência, ficam evidentes os valores das heranças e a força das matrizes culturais que remontam o passado, atravessam o presente e inspiram a novos horizontes.

### Referências

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, 1).
- DALCASTAGNÉ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077/8085>. Acesso em: 13 ago. 2021.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida (org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2010.
- GÓMEZ, Pedro Pablo; MIGNOLO, Walter. (org.) *Estéticas y opción decolonial*. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012.
- MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia. *O giro decolonial latino-americano: um movimento em curso*. Maio, 2017. Disponível em: <https://blogdosociofilo.wordpress.com>. Acesso em: 8 ago. 2020.
- MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, [S. l.], p. 287-324, n. 34, 2008. Disponível em: [http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia\\_epistemica\\_mignolo.pdf](http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf). Acesso em: 18 abr. 2020.

MORIN, Edgar. *Cultura e barbárie europeias*. Tradução de Daniela Cerdeira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

QUIJANO, Anibal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 9-35, set./dez. 2005. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142005000300002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000300002). Acesso em: 12 fev. 2020.

SAAVEDRA, Carola. *Com armas sonolentas*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade*. 7. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

SCHMIDT, Simone Pereira. Posfácio: a força das palavras, da memória e da narrativa. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. Tradução de Miguel Serras Pereira. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

---

### Ilse Maria da Rosa Vivian

Doutora em Letras, Teoria da Literatura, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; pós-doutoranda na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM –PNPD/CAPES), RS, Brasil.

---

### Endereço para correspondência

Ilse M. R. Vivian  
Universidade Federal de Santa Maria  
Programa de Pós-graduação em Letras  
Prédio 16, Centro de Educação, sala 3222  
Av. Roraima, 1000  
Cidade Universitária, 97105-900  
Santa Maria, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.*